

ENTREVISTA

Je suis le silence sur tes livres,
l'ombre dans ton regard,
le vent dans tes bras...

Zlatka Timenova



Entrevista realizada em Fevereiro de 2006 com o tradutor literário, professor universitário e escritor José Manuel Lopes, por Ana Cristina Tavares, professora de Tradução na Universidade Lusófona.

Antes de iniciarmos esta entrevista que entendemos ser útil para elucidar o labor e os métodos do tradutor, que nos seja permitida uma breve apresentação. José Manuel Lopes é, há já alguns anos, Professor de Tradução Inglesa e de Métodos e Técnicas de Tradução no curso de Tradutores e Intérpretes da Universidade Lusófona. A par da actividade docente traduziu algumas obras de ficção e de história, do francês e do inglês, e tem dois romances publicados: o primeiro em 2001, intitulado *Naufrágios e Neblinas: Forro alto, 1927*, entre o policial e o picaresco, das Edições Vega e o segundo de 2005, *Fragmentos de uma Conspiração*, com a chancela da Editora Saída de Emergência.

ACERCA DE TRADUÇÕES

De que modo encaras o papel do tradutor?

Sempre gostei de pensar que, se o autor seria um neurótico (de acordo com uma perspectiva freudiana), o tradutor seria uma espécie de histérico! Contudo, neste caso, não se trataria apenas de um efeito de repetição ou de representação, por mais emotiva, fiel ou delirada, numa outra língua. Contudo, e mesmo nessa qualidade mais objectiva e imediata — nessa missão — na qual um possível intérprete, dada uma situação específica, não tem tempo para elucubrar acerca dos múltiplos sentidos de uma determinada palavra, a tradução não terá que ser de modo algum menos reflectida ou inteligente. Repara, contudo, que estou longe de menosprezar a capacidade de poder «dar eco e voz» numa outra língua, a algo determinado pelos caprichos de um determinado ser falante, num dado instante preciso... É um pouco, se me permites a metáfora, como tirar fotografias. Sabendo que nesse papel, já liso e apresentável, nunca será bem a mesma coisa o que se encontra. Neste caso intérprete e tradutor já não diferem

assim tanto. Traduzir, no seu sentido mais comum, é sempre interpretar. Se bem que a Interpretação (propriamente dita) passe sempre pela capacidade de traduzir no momento, hesitando no que não deverá ultrapassar fracções de segundo, sobretudo se o interpretado for um falador compulsivo...

Traduzir, por outro lado, é algo de bem diferente. Repara que nunca subscreveria os juízos de valor com que histórias da tradução, desde a Antiguidade, têm menosprezado os intérpretes, favorizando, como seria de esperar, os chamados «tradutores». Não será, no entanto, de estranhar que tal tivesse acontecido, dado que apenas os tradutores, nas épocas e nos espaços em que a escrita era quase uma certa actividade mágica, tinham o poder de inscrever, de registar para sempre “aquilo que teria sido dito”. Mas, dadas estas minhas ressalvas falemos do que mais nos interessa, ou seja, da Tradução, pois acabei por não responder directamente à tua pergunta. O tradutor é, basicamente, um outro criador, um *re-criador* (quase no sentido *renascentista* de autor) que, tentando ser o mais fiel possível à «letra» (às qualidades específicas desse mesmo texto) se deixa dominar pelos sentidos que esse mesmo texto lhe possam despertar, e que ele quererá transmitir, para usar uma expressão já muito gasta, mas que todos entendem, *o mais fielmente possível*.

É esse então, hoje em dia, o modo como certas editoras, por exemplo, encaram a tradução...

De modo algum!... Raras são ainda as editoras capazes de respeitarem (algo que passaria tão-só por uma certa compreensão) a actividade de tradutor. Com efeito, a maioria dessas mesmas editoras (e falo, talvez, das de maior dimensão) exigem ou requerem um tradutor servil, ou aquilo que a que João Barrento designou como uma «tradução de serviço». Uma vez na posse da mesma (ou seja, após um pagamento previamente ajustado), revisores e consultores poder-se-ão então reunir para poderem imprimir então ao texto toda uma série de pequenas e por vezes hiper-correctivas mudanças, geralmente, para poderem uniformizar certos registos de fala com que se espera satisfazer, ao nível da mais tradicionail e entaipada noção de um «português correcto» o público fácil e pouco perspicaz de que se alimentam.

Queres tu dizer que o tradutor não é visto nem achado nesse cenário, trata-se de um mero peão de um jogo bem mais vasto?...

Realmente, é isso o que na maior parte dos casos acontece. O tradutor, já mal pago à partida, não tem para mais qualquer voz (ou qualquer *autoridade*) sobre uma tradução que acabou de vender. Uma vez pago, está condenado a retirar-se de cena, a pôr-se no seu lugar, que, salvos raros casos em que o seu trabalho de tradutor é valorizado (com honras, por exemplo, de um nome na própria capa), todo o seu trabalho poderá ser alterado por «revisores» que, sem a formação adequada, funcionam como cegos polícias da nossa língua, como a Polícia em geral no nosso país, pois a formação é precária e demasiado afunilada, já para não dizer presa a regras cuja orientação se delirou a ponto de se transformarem em imaginárias leis fixas.

Já sei que tens traduzido uma série de textos literários. Nem todos, sobretudo no domínio da ficção, te agradaram...

Sim, já traduzi do inglês norte-americano alguns dos chamados *best-sellers*, em que um excesso de informação factual se sobrepõe a qualquer tentativa de um esboço ou transposição de natureza minimamente literária. De facto, as repetições de teor lexical, se bem como as constantes redundâncias a nível de todas as ainda possíveis camadas de escrita, acabam por espelhar, mesmo na tradução mais bem intencionada, um monocromatismo semelhante — tal como seria de prever — ao do original. É certo que neste caso o tradutor, mesmo o mais inclinado para as vertentes de maior literalidade, acaba sempre, de certo modo, por «corrigir» o texto original, sob pena do seu trabalho parecer um intragável, ou até um ilegível disparate. Refiro-me no entanto, como seria de esperar, a alterações mínimas de estilo, tais como: completar frases que (numa narrativa sempre na terceira pessoa e com uma visão omnisciente) não são bem frases, sob um ponto de vista gramatical; arranjar paráfrases ou sinónimos para termos que se repetem constantemente, e outros subterfúgios da mesma natureza. De qualquer modo, dado que um texto desta natureza, se bem que se nos apresente sob a forma de ficção, não difere muito de outro texto de natureza mais técnica ou ensaística, o que importa, realmente é que ele «se possa ler minimamente bem» na sua versão portuguesa que deverá ser sempre «fiel» ao seu lado mais ferozmente denotativo.

Então a ideia de uma tradução literária vs. uma tradução técnica parece vacilar perante esse exemplo...

Tal ideia tem sido uma invenção muito simplista do que, de facto, se passa. Não irei negar que nas chamadas «ciências duras» (como se as outras fossem moles, inanes, logo para não serem levadas tão a sério) se traduz com um tipo de rigor inerente a uma natureza objectiva e pragmática de transmissão de informação. Sempre gostei de explicar aos meus alunos que, enquanto num romance se poderão saltar linhas, trocar nomes de personagens, omitir mesmo certas palavras que não se encontraram logo num dicionário mais à mão — algo que eu caracterizaria como um tradução descuidada, desonesta e desleixada e onde o tradutor nunca poderá vislumbrar grande futuro — numa tradução de teor mais «técnico», erros semelhantes poderão ter graves consequências. Todos nos lembramos ainda do avião americano, em que um erro na tradução de galões por litros, originou uma falta de combustível em pleno voo, algo que um aviador experiente pôde remediar, ao conseguir que esse mesmo avião planasse até à pista mais próxima de aterragem. Não haverá qualquer dúvida que erros deste género, em que se poderão confundir libras com quilos ou pintos com litros, poderá ter até consequências fatais. O mesmo, no entanto, nunca se aplica à chamada «tradução literária». Neste caso, dispomos apenas de boas ou más traduções. Note-se que, neste exemplo, tudo o que acabei de dizer acerca do avião sem combustível — outro exemplo, numa mesma linha, poderia consistir nas quantidades absolutamente precisas que compõem um determinado fármaco — não se aplica a traduções mais ou menos literárias...

Há pouco mencionei o caso dos *best-sellers* americanos, desses romances em que o estilo e a linguagem, com que tradicionalmente aferíamos essa mesma qualidade, foram há muito substituídos por regras de mercado. Neste momento, grande parte dos programas de escrita criativa que ocorrem nos Estados Unidos da América, apesar de todos os seus excelentes autores convidados, têm, como objectivo principal, assegurar certas viabilidades de escrita para as quais nunca se descurou uma viabilidade económica, que, no caso da prosa de ficção, se acaba sempre por impor. Talvez que, como europeus, nos possamos sentir chocados com aulas acerca de como apresentar um diálogo, de como narrar de várias maneiras, ou sobre os truques mais importantes de como manter um certo *suspense* no leitor. A este respeito, devo dizer que já traduzi uma autora americana de *best-sellers* para a Editorial Presença — não mencionarei o seu nome — que até obtivera um prémio precisamente na categoria de *Suspense*, e cuja técnica não passava, afinal, da fórmula já por demais conhecida de «fazer render o

peixe», de se demorar em insignificantes detalhes sem interesse, em todo um capítulo baseado na figura da «expansão», neste caso preciso desesperante senão absolutamente desnecessária, com que ela, coitada, lá entreteria leitores, que imagino que por demais honestos (ingénuos?) acabariam sempre por saltar umas quantas páginas.

Então o que tu designas de «tradução literária» não se compraz com as etiquetas que normalmente se usam para distinguir toda uma variedade de textos...

De facto não. Falei-te há pouco do *best-seller* americano. É curioso notar que, onde no século XIX se cultivava um vocabulário dito mais requintado, um tipo de elementos lexicais mais literários, ou seja, que só se usavam em certo tipo de escrita, esse mesmo *best-seller*, na neutralidade de um vocabulário extremamente reduzido, pois que de natureza bem pragmática, recorre contudo à raridade do mais obscuro vocábulo especializado. Termos, como exemplo aqueles que só seriam do conhecimentos de um analista de ADN, ou que usados, aquando de uma descrita autópsia feita por um médico legista, invadem o texto, na sua categoria de termos técnicos, mais sofisticados, logo «menos acessíveis»?... Repara que a ideia é afinal a mesma. Ninguém poderá ler, por exemplo um poeta simbolista, como Eugénio de Castro, sem ter a seu lado um bom dicionário de língua portuguesa, para reparar logo a seguir que, parte desse mesmo vocabulário até nem existe na nossa língua, que se trata, efectivamente, de elementos lexicais ao serviço de um ritmo ou de uma impossível rima rara, como conviria a um poeta pouco estudado e simbolista, que inovou bem mais, ao nível da escrita, do que nos passa parecer...

Mas, a tradução literária...

Trata-se, curiosamente, de algo que parece irromper, não apenas na chamada «Literatura», mas em disciplinas, aparentemente mais distantes, como a História, certos textos de natureza sócio-política, e, *sobretudo*, se me permites esta minha ênfase, em textos psicanalíticos. Até, vistas bem as coisas, em textos do que normalmente etiquetamos como ensaios de Semiótica. Lembro-me de que, há já vários anos, havia teses de doutoramento não sobre o Roland Barthes ensaísta, mas sobre Barthes como autor literário... Repara que o objecto não se modifica, em vez disso, o que parece mudar, é o modo como olhamos para ele, como o inventamos, afinal...

Voltando ao que me perguntaste de início, a tradução literária não é algo que se possa ensinar como um ofício, mas é antes uma «arte», um gosto, talvez até uma mania, que se adquire (ou não) dada uma certa possibilidade de experimentação, pela qual o tradutor se poderá tornar quase tão criativo quanto o autor... É óbvio que não se pode ensinar, do mesmo modo, alguém a escrever grandes êxitos editoriais, tal como poderíamos ensinar essa mesma pessoa a fazer uma tradução literária. Uma coisa é a experiência da chamada «tradução literária»; outra, uma espécie de aprendizagem que passa, sem dúvida, pelo leque de interesses, paixões, conhecimentos, que cada um possa trazer consigo, antes de se aproximar desse texto que, idealmente, mas só sob raras excepções, escolheu traduzir...

Repara que os nossos editores mais atentos e menos empedernidos não precisam de cursos em Estudos Literários para se darem conta de que, efectivamente, as melhores traduções são «essas», as mais baratas, as que não foram sujeitas a um preciso limite de tempo nem a um preço negociado. É como se o tradutor fosse, se bem que numa metáfora muito recuada num cenário de fundo já fora deste tempo, uma espécie de prostituta, capaz, se bem dotada, de fazer fluir/fruir o texto, até esse ondulado instante de prazer onde o reclamávamos desde o início...

Bem, apesar de todas estas tuas interessantes divagações sobre a natureza da chamada «tradução literária» terás mais alguma coisa a dizer-nos, com base na tua experiência...

Cada vez me convenço mais de que a chamada «tradução literária», ironicamente a mais mal paga no nosso país, será talvez das mais difíceis, ainda que possíveis «erros» nela nunca possam vir a ter (como já mencionei) quaisquer graves consequências. Falando da tradução do texto de ficção, diria que, dado o tom prosaico, objectivo e realista da grande maioria dos romances recentes, os tradutores têm andado um pouco esquecidos do que Roland Barthes chamava «texto», por oposição a «obra». De facto, enquanto a tradução da «obra» se aproxima mais, pela sua própria natureza, da tradução objectiva e mais literal que poderemos encontrar (salvo raros casos) nas chamadas «ciências humanas», a tradução do «texto» exige uma grande criatividade por parte de qualquer tradutor. É que, «por detrás» de uma tradução desse género terá que constar não apenas uma séria e rigorosa leitura interpretativa, mas também o efeito de empatia que ressalta dessa complicada operação de reescrita pela qual nos tentamos «apropriar» desse mesmo texto, quero dizer, «fazê-lo nosso».

Tal experiência, no caso da tradução de poesia, por exemplo, conta com ótimos e bem documentados exemplos. No caso da ficção, porém, essa «experiência» e reflexão, por parte de teóricos e tradutores, já se encontra menos documentada. Umberto Eco sobre as traduções de Gérard de Nerval é o único nome que de momento me surge, entre um leque de sérias reflexões, em que nomes como Benjamin, Steiner e João Barrento nos surgem associados a traduções de poesia. Repara que, sendo a tradução de poesia a mais complexa de todas as traduções literárias, não deveremos excluir certos textos de ficção em que a força da «letra» é tanto ou mais premente, inclusivamente pela extensão do seu «fôlego», do que no caso de um poema. Estou a pensar, por exemplo, em traduções de conhecidos romancistas como James Joyce, José Lezama Lima, Claude Simon, Raymond Quenault, ou seja, em autores onde o trabalho a nível do texto, nunca se poderá compadecer, para utilizarmos um termo de J. Barrento, com uma «tradução de serviço». Infelizmente, no nosso mundo editorial, essa chamada «tradução de serviço» é a única que nos é, de certo modo, permitida. Grandes editoras, por exemplo, com a sua tripulação de revisores inseguros e de vistas curtas, nunca iriam tolerar uma tradução minimamente criativa — eu diria até que esta seria aceitável — por parte de alguém que não tivesse um nome suficientemente badalado e reverenciado na nossa exígua praça. Aqui, tal como em muitos aspectos do ensino, estamos apenas a escassas horas do século XVIII, antes do Iluminismo, infelizmente mesmo antes de tais possíveis Luzes. Porém, e nunca será demais repeti-lo, ao contrário do que se poderá passar em muitos exemplos da chamada «tradução técnica», não se trata apenas de transmitir com um máximo de objectividade, a informação aí contida, mas sim de transmitir um texto de uma forma igualmente literária, tendo sempre em conta todos os seus «ecos» conotativos, ideológicos, estilísticos. Repara, por exemplo que, regra geral, alunos numa Licenciatura em Tradução têm uma grande dificuldade em perceber de que modo (ou como) um «texto de chegada» deverá ecoar as «várias camadas» de um «texto de partida».

E quais as razões mais óbvias para tal dificuldade? Poderás talvez articular a tua experiência de tradutor com a de professor numa licenciatura em tradução para nos explicitares isso?

Muitas razões se poderiam de facto apontar, e não irei falar da mais óbvia e tantas vezes apontada, ou seja, do possível desinteresse que esses mesmos alunos por vezes manifestam por textos literários em geral ou pelos labores da escrita criativa. Creio que, na base de tal «dificuldade» existe de facto um grande

receio: o medo de se «apropriarem» ou «fazerem seu» (no sentido hermenêutico do termo) um texto escrito por uma outra pessoa. Efectivamente, no nosso país, o tradutor tem sido muitas vezes reduzido ao papel do que Octavio Paz designava de «tradutor servil». As grandes editoras, regra geral, que possuem os chamados «revisores de tradução» não apreciam ou rejeitam mesmo frontalmente qualquer criatividade por parte de um tradutor literário. Trata-se na maior parte das vezes, e tal como mencionei anteriormente, de pessoas de vistas curtas, talvez com bons conhecimentos linguísticos, mas com uma estreita noção do processo tradutivo ou até mesmo de qualquer processo criativo. É óbvio que tratando-se de pessoas, quem sabe se um pouco inseguras, recorrem geralmente a uma espécie de «glossários fixos» onde uma mesma palavra é sempre traduzida do mesmo modo não importa o registo ou o contexto, só para dar um exemplo. Para além desta série de factos outros problemas de ordem mais política ou económica se levantam: quando o tradutor, através de uma tradução rigorosa e criativa de um texto se torna também seu co-autor, será que não poderia também começar a exigir «direitos de tradutor» à semelhança do que já se passa em outros países da Europa? Creio ser precisamente este fantasma o que hoje em dia talvez comece a atormentar certas grandes editoras. Desse modo, deixariam de ter plenos poderes ou pleno controlo sobre uma tradução que compraram por atacado a um preço afinal bem irrisório. Não poderiam também alterá-la a seu bel-prazer sem o consentimento do tradutor. Enfim, teriam que lidar com essa figura embaraçosa e incómoda — senão monstruosa — que para eles seria um texto com dois autores, tendo assim que pagar, como é óbvio, dois tipos de direitos: o do autor e do tradutor.

Será que deverei assumir, quando falas do tradutor como co-autor, que és da opinião que poetas devem traduzir poetas e romancistas outros romancistas?

De modo algum. É certo que, geralmente, quando um poeta traduz outro poeta, o faz porque já sente, em relação a esse mesmo poeta que traduz, uma grande afinidade. Repara que nunca o poderá fazer por questões meramente monetárias e que uma tradução de poesia não é algo que se possa encomendar do mesmo modo que a tradução de um romance, salvo raras excepções. O que se passa na maior parte das vezes, e até para bem dessa mesma tradução, é que o poeta tenta fazer ainda mais «seu» o texto que traduz, de modo que, efectivamente, o que acabamos por ler é a sua versão — a sua «tradução assinada» — de um determinado autor. Porém, voltando à tua questão, creio

que qualquer tradutor com um bom conhecimento acerca do modo como «funciona» um texto literário — por exemplo uma pessoa com conhecimentos de crítica ou de semiótica literária — poderá traduzir qualquer texto com essas características. Creio que uma certa prática de escrita (já para não falar de leitura) se bem como um gosto por tipos de escrita mais criativa também serão necessários... Com efeito, no caso da tradução literária, o tradutor terá que rever vezes repetidas (capítulo a capítulo no caso de um romance) a tradução que fez inicialmente. Ora aqui está uma outra dificuldade que uma grande maioria de alunos universitários enfrenta, já para não falar de uma grande maioria de traduções que são exigidas «para ontem» como se costuma dizer. Assim, a revisão de um texto literário não passa, por motivos por vezes exógenos à vontade do tradutor, pelo prazer da revisão... Enfim, a tradução literária não é para quem tenha que «despachar trabalho». Sinto que estou, sem dúvida a assumir uma posição um pouco elitista e é necessário não esquecer que, para certas pessoas, a tradução é um modo de vida. Ora, para muitas destas pessoas, a tradução literária nunca seria, por razões óbvias, uma opção, se bem que o possam lamentar. Infelizmente no nosso país, salvo raras exceções, traduzir ou simplesmente escrever textos literários é algo que se faz entre os possíveis intervalos que nos possam ser deixados por outra profissão. É, como disse já num prefácio a uma tradução de contos de H. P. Lovecraft, feita pelo nosso Clube de Tradução Literária, uma carolice, um empenho... e é aí que ainda estamos...

Queres tu dizer que o mesmo não se passa em outros países europeus?

Por exemplo, na Suécia, um tradutor literário poderá dedicar-se a dois romances por ano. O que recebe em termos remuneratórios permite-lhe mesmo viajar até ao país do autor, entrevistá-lo, trocar impressões, esclarecer dúvidas... Nós, por outro lado, continuamos a colocar o tradutor numa espécie de fábrica de trabalho à peça, onde terá que galopar o mais depressa possível pelas páginas fora, para que o trabalho lhe possa ser minimamente compensador. Ora, não tarda muito até que, se de facto tiver que viver de traduções, comece, como costumamos dizer, a «atamancar», até por uma questão de sobrevivência... Aí esse código de honestidade que qualquer tradutor ou intérprete deverá sempre assumir, começa a estar comprometido. Cada ida ao dicionário, sobretudo a algum dos mais especializados que até nem se tem em casa, começa a tornar-se um luxo, já para não falar do tão necessário conhecimento dos textos críticos que se escreveram sobre um determinado autor e de possíveis traduções prévias

na mesma ou em outras línguas do conhecimento dos tradutores. Por vezes há que infelizmente apressar o processo, que entregar, por exemplo, um romance de 400 páginas ao fim do mês... Daí que certas traduções literárias em Portugal não sejam tão boas como seria de desejar, sendo as melhores, como já referi no caso da poesia, as que não dependem de questões de ordem económica.

Há também o factor que, no nosso país, uma boa tradução literária não costuma contar para efeitos de currículo académico...

Isso é bem o espelho do pouco valor que entre nós ainda se dá à tradução. Por exemplo na Alemanha, uma «boa» tradução literária tem tanto peso como um bom livro de ensaio sobre um determinado autor. É muito estranho que entre nós, por exemplo, qualquer artiguelho académico sobre Proust (na maior parte das vezes a repetir ou a resumir o que outros críticos já disseram) possa ter um peso académico, enquanto que uma tradução como a de Pedro Tamen de *Em Busca do Tempo Perdido*, não tenha qualquer valor de um ponto de vista académico. Creio que só um país ainda muito atrasado e obcecado com a entronização da teoria (geralmente a que vem de fora e depois se repete com maior ou menor servilismo e provincianismo) se pode dar a uma atitude desse género. Ora, como dizia o grande Antoine Berman, qualquer reflexão sobre a Tradução deveria sempre ser feita a partir de uma prática, o que vai contra a ideia de que alguém possa ter um mestrado ou um doutoramento em Tradução sem jamais ter traduzido uma linha. A coisa é um pouco como um engenheiro de máquinas que, em presença de uma máquina verdadeira soubesse apenas como funciona mas não a pudesse montar nem desmontar. Mas, como te disse, talvez em certos aspectos ainda não tenhamos chegado às Luzes e continuemos apenas a valorizar um recitar servil de conhecimentos de que o nosso ensino universitário, seguindo uma tradição jesuítica, ainda enferma.

As tuas reflexões, se bem que verdadeiras, exactas e até incómodas para muitos, contêm uma nota algo desencantada ou até pessimista. Para terminarmos penso que poderás deixar-nos uns laivos de esperança, não achas?...

Sem dúvida. Traduzir, apesar dos inúmeros contratempos que enumerei, é sempre para mim um prazer. Diria até que, por vezes, é mesmo viciante. É um pouco como jogar uma partida de xadrez — todo um jogo de escolhas e raciocínios. É sempre agradável, podermos «dar voz» a um texto, falarmo-nos

através dele. Estou certo que concordarás comigo, pois também és tradutora. Creio que, eventualmente, parte dos problemas que nos afectam se irão resolver e, hoje em dia, felizmente, já estamos bem longe da tradução a trezentos escudos a página, ainda por cima batida à máquina... Logo que todas essas teias e filtros simplistas se levantarem dos olhos de quem, falando de Tradução, nunca traduziu uma linha, esta tarefa será encarada de um modo inteiramente diferente. É por isso que vale a pena continuar a lutar.